

Tatiana Morais

Volúpia



Ventos, múltiplos e plurais, sopraram versos...

Versos, desejantes ritmados, trouxeram água de chuva e o
meu grande rio...

Todo dedicado à chegada de **Theo**.

*“Os ventos continuaram soprando todos aqueles dias. Aqueles ventos
que tinham trazido as chuvas.” (JUAN RULFO, Pedro Páramo)*

Sumário

À Esperança de Prefácio – Theo G. Alves.....6

Nascente

1. Sagrado curso	9
2. Senhor de luminosidades.....	10
3. Borboletas azuis	11
4. Migração monarca	12
5. Falena.....	13
6. Delicadeza.....	14
7. Verão shakespeariano.....	15
8. Rendição	16
9. Alegria incauta	17
10. Pulso barroco	18
11. Arrebatamento.....	19
12. Templo destemido	20
13. Tempo de ternura.....	21
14. Mar de estrelas	22
15. Carícia demorada	23
16. Chegança lasciva	24
17. Desertos de ternura	25
18. Suave matança.....	26
19. Provocação contumaz.....	27

20.	Imperiosa imagem.....	28
21.	Revoada.....	29
22.	Verbo desnecessário	30
23.	Coração imoderado.....	31
24.	Melodia.....	32
25.	Ruas de esperança	33
26.	Oásis.....	34
27.	Confissões de abril	35

Correnteza

28.	Volúpia.....	37
29.	Flor solitária.....	42
30.	Despudor curvilíneo.....	43
31.	Água de rio.....	44
32.	Súplica.....	45
33.	Corpos em graça.....	46
34.	Mar voluptuoso.....	47
35.	Do desejo	48
36.	Solário.....	49
37.	Luxúria divina	50
38.	Do temor.....	51
39.	Compasso anárquico.....	52
40.	Erótica cantilena	54
41.	A carne	55

42.	Caos orquestrado.....	56
43.	Lua permissiva.....	57
44.	La Maja Desnuda.....	58
45.	Frêmitos liquefeitos.....	59
46.	Quero-te homem-pássaro, quero-me nácar.....	61
47.	Correnteza passional.....	62

Destino

48.	Relicário.....	65
49.	O florista.....	66
50.	O Tempo e A Morte.....	67
51.	A Fronteira.....	68
52.	Folia sufocada.....	69
53.	Canção indesejada.....	70
54.	Centelha divina.....	71
55.	Tempo de reconciliação.....	72
56.	As flores do campo choram... ..	73

À Esperança de Prefácio

A volúpia não aceita mínguas: tem de ser intensa, densa, caudalosa, como o correr dos rios, o fluir da água bruta que abre violenta e eroticamente os caminhos da natureza que assistem aos flumens correrem, sem que possam impedi-lo. A volúpia é exigente e sabe impor-se mesmo às negativas da razão. Assim esse sentimento encontra-se metáfora ao terceiro e bellissimo livro da poeta Tatiana Morais, batizado com água de rio como “Volúpia”, e para o qual a autora soube tão bem traçar o curso de imagens ricamente elaboradas para esse caminho líquido de fruição e procura.

Se a volúpia não aceita mínguas, é natural perceber que não há faltas no livro de Tatiana. Em verdade, os poemas presentes no livro ultrapassam a mitologia que nos deu Volúpia como filha de Eros e Psiquê, personificações do amor e da alma, respectivamente. Neste livro, volúpia também é mais que o simples – se é que pode ser simples algo tão avassalador – desejo, a lascívia e a satisfação da carne. É ainda mais que a satisfação moral, indicada pela palavra.

O livro de Tatiana nos propõe uma viagem pelo corpo do rio desde sua Nascente e por sua Correnteza até seu Destino. É bonito ver nascerem fluidos os primeiros versos de Sagrado Curso, quando a poeta nos apresenta o percurso de seu livro/rio e nos presenteia com a dança dos desejos de seus versos/caminhos: “Dança de transmutação, o desejo dessa luz/ Acato misticismo e devoções.” O passo seguinte desse rio tão humano traz a prova da generosidade da poeta, que oferece a seus leitores um dos mais bonitos e delicados poemas de todo o livro: em Senhor de Luminosidades, o amor aproxima-se e eleva a volúpia a uma condição inesperada: a do autoconhecimento, cercada de pertencimento e entrega. Não é a volúpia mero sinônimo de desejo: é o amor que leva, concomitantemente, ao outro e a si.

A verdade é que poucas vezes se poderá ver livro em que a volúpia seja compreendida de maneira tão ampla e lírica, em fuga das armadilhas da obviedade e do verso batido, pisado e repisado à sombra do erotismo barato. A volúpia neste livro é sofisticada, bem elaborada e construída sobre a matéria dos dias, sobre o que há em nós além do desejo simplório. Há um transbordamento fluvial de imagens de lirismo ímpar, como o voo do circo e de suas borboletas azuis, os verões shakespearianos, a salaz chuva de Zeus sobre Danae, a *maja* desnuda de Goya, o sol deitado sobre os pelos do amado, a luxúria no olhar dos santos... a volúpia que passeia despida e de mãos dadas com o corpo, com a vida, a morte e a arte.

A materialização do desejo neste livro só encontra par na materialização do desejo em carne viva, o que a poeta alcança através de imagens inusitadas da transmutação não apenas

da volúpia, mas daquele que deseja e que percebe no outro o desejo transformado em carne, sangue, lua, pétalas, folhas e água, entre tantos símbolos improváveis para um corpo que não apenas quer, mas que, sobretudo, demanda: o desejo arrebatador e pleno, ainda que realizado num átimo, chama feita para arder e para decair, posteriormente. Não seria este o fim de todo o desejo que atinge sua plenitude? André Gide, em seu *Os Frutos da Terra*, diz ser a melancolia “senão um fervor que decaiu”. Tatiana Morais, por sua vez, aponta-nos um desejo que é “só o desejo de permanência” e que, como tal, há de passar como a revoada de pássaros que seguem a migração contínua em busca de um lugar de pertencimento, ainda que sem a esperança de perenidade.

Não apontarei aqui para a belíssima unidade deste livro, para os versos que seguem o fluxo de rio à semelhança do desejo encrustado na carne. Não me deterei nos últimos poemas caudalosos da *Correnteza*, que mostram o trabalho cuidadoso da poeta em unir conteúdo e forma – essa dicotomia tão bem resolvida aqui. Não tecerei loas sobre a relação incestuosa da poesia destes versos e das artes plásticas e a mitologia, suas irmãs. Não direi da melancolia inesperada de um rio que verte quase em silêncio em direção a mar nenhum.

Trata-se este livro de movimento/fluxo: não somente o corpo interdito ou disposto ao desejo, que toma tantas formas belas e muitas vezes áridas, ainda que de rio seja feito. É movimento, êxtase e catarse: cada verso deste *Volúpia* fala diretamente ao corpo ideal do leitor que o toca, que é por ele tocado. Cabe ao leitor, se disposto a desnudar-se para si, tocar essas estrofes que dispensam teorias e que preferem dentes a rasgar melancolia. Retomo o fervor decaído de Gide para mencionar o Destino – terceira e última parte deste rio/livro – do desejo: a queda, o rio desaguado em meio ao deserto, o infernal Estige – aqui rio de batismo e de morte, diante da ausência daquele que é desejado. É preciso dizer que é diante desse destino/queda, como um rio que deságua no deserto, que o poema/desejo/rio – já não sei como chamá-lo – encontra sublimação. O desejo não aceita mínguas e nada neste desejo/livro é falta.

Atreve-te. Arrebate-nos.

Theo G. Alves

Poeta e escritor

Nascente

1. Sagrado curso

Um veleiro de solidões

Viagem de trágicos recantos.

Cercada de seus arranjos, mantenho-me mensageira

A rejeitar as lágrimas embebidas de mágoas.

Dança de transmutação, o desejo dessa luz

Acato misticismo e devoções.

Movimento de nascente, correnteza e destino

O sagrado segue seu curso.

2. Senhor de luminosidades

O amor apresentou-se e não o reconheci de imediato

Aguardou à mesa posta, serviu-se de vinho e declamou completudes

Deitou-se comigo e desenhou as primeiras horas da manhã.

Vestiu-me de uma nudez de mulher

Com descuido, mostrei-me olhares, textos e reencontros

Sem pressa, quedei em seu regaço.

Apontou-me o brilho da lua

Estrelas que sorriam inebriadas

E rosas de maio a ninar ausências.

Tocou-me, esse Senhor de luminosidades

Entoei mistérios, orações e súplicas

Em reverência, prostrei-me.

No silêncio de uma grande revelação

Pude enxergar sua face

E amar-me.

3. Borboletas azuis

Há um muro de concreto
De semblante austero e sólido olhar.

Quer-me em blocos inúteis
Qual cárcere de sentimentalidades
À espreita de qualquer sinal.

Sussurro com gentileza
Que já se faz tolo e pobre palhaço.

Moças nas janelas
Flores nos desvios
Anúnciação do picadeiro.

Cavalos e trapezistas
Encantamentos e malabares.

Voei com o circo e suas borboletas azuis
-Há festa em mim-

4. Migração monarca

Manto de minha vastidão inexata

Luz tímida anunciou um libertar

Determinou essa rota

Que carece de repertório.

Bem aqui, numa graça constante

O realismo fantástico.

Sermos monarcas nas flores tropicais com vista para o mar.

5. Falena

Além da cortina de fogo

Sou falena metamorfoseada

A contemplar sua forma

Em voos noturnos e versos nas asas.

É quietude branda, prenúncio de revelação.

6. Delicadeza

Da minha janela

Vi uma pipa vermelha atrevida

Serpenteava inusitada

Parecia convidar-me

A um estranho ofício de fé

De bem melhor ser insana

E pelo Nobre Dom mui amada.

7. Verão shakespeariano

Se parece tolice

Dançar nessas estradas

Terças azuis e flores açucaradas.

Confesso sem culpa

Essa noite ir distante

E a espera impaciente

De que aceite essa valsa

Acordes de primavera

Num verão shakespeariano.

Sessão de estreia

Apenas o espetáculo

Fabuloso improvisado.

Magia nas coxias

-A terceira campainha-

Nada a fazer.

8. Rendição

Ousei render-me

Para além de convenções

Zonas limítrofes e castrações vassalas.

Árida dimensão

Tamanha a minha sede.

Amor improvável

O deus desse sonho

A visitar-me entre lírios e lençóis de mirra.

Leva-me para suas águas

Que sem medo algum

Entreguei minha loucura.

9. Alegria incauta

Nesse país de noites mal dormidas

Eu que sei de meu travesseiro

Senhorio delirante

Empurra-me adiante.

Ignorando palpitações e alertas

Narra romances de cavalaria.

Numa alegria incauta

De sonhar com as recordações do que não vivi.

10. Pulso barroco

Fiz-me morada desse querer
Que sem permissão alguma
Devastou mansamente
Qualquer reinvenção de marés.

Em tempo suave
Luziu em abismos
Qual abrigo sereno
De um grande cansaço.

Meu pulso barroco
Arquiteta nesse desejo
A simplicidade de outras horas.

11. Arrebatamento

Seu nome

- Presença vigorosa -

Dizê-lo continuamente, meu sonoro artifício

Nenhuma interdição, sou róscida campina.

12. Templo destemido

O amor e seus enredos

Esse templo destemido que se ergue inesperado.

Nos lábios a raiz ardente

Em transe lúcido de um doce cítrico.

Inteireza soberana

Minha evocação incansável

Dispense-me das supostas impossibilidades.

13. Tempo de ternura

O amor não faz promessas

É a fala quando tudo silencia

E os corpos repousam sossegados.

Guarda um tempo de ternura

Epígrafe libertadora

E território meu.

14. Mar de estrelas

Sigo estrangeira

Gestual impróprio

Pintura na pele

Verbo febril.

Olhos acesos

Escrita inquieta

Silêncio confesso.

Simplesmente

Morre então nesses mistérios

Meu desejado mar de estrelas.

15. Carícia demorada

No frescor daqueles aromas

Sorrir em teu espaço

Arder em teus olhos.

Ser encontro delicado

Carícia demorada

De água doce em mar.

E nas composições do percurso

O anseio de vibrar

Livre em tuas notas.

16. Chegança lasciva

Ao chão minhas armas

Sou tomada, florescer inadequado

Peito, órgãos, nervos.

Chegança lasciva

Aprendiz de novas marcações

Musicalidade acolhida.

De sua incerteza, criei essa coreografia

Então, vem brincar de meu par.

17. Desertos de ternura

Entra

Papillon incendiado

Há desertos de ternura.

Cala

Por sessenta minutos

Toda minha sanidade.

18. Suave matança

Chuva em mim

Mirando o gatilho

Em suave matança.

A alma de vigília

Cheiro de fado

Sem resistir

Vem pertencer.

19. Provocação contumaz

Avistá-lo, a invenção dessa pintura

Encontrei seus contornos, provocação contumaz.

Faça-se corpo e toque harmonioso

Porque é manifesta essa necessidade de matéria

Aquieta, as flores de laranjeira são furtivas.

E quando seu olhar me alcança

Inábil qualquer palavra para as estações que sinto.

20. Imperiosa imagem

Paraíso sabe dessas mãos

Convidativa excitação

Suas associações, lenta cadência.

Cruze a muralha de morte programada

Adoce minhas volições

Numa linguagem de desassossego.

Imperiosa imagem

Meus dias chuvosos, seus enigmas em orquídeas

Um tanto desatinada, outro, tola.

Se perto, afortunada tarde.

21. Revoada

Se você abrisse a porta

Levantaria sem disfarçar o tempo que aguardei.

Daria esses escritos ímpares

E o que nunca fomos consolaria tanta noite.

Demorar-me-ia assim nos seus olhos

E quando possuísse seu corpo

Só o desejo de permanência.

Seria em dedicatórias ofegantes

Há muito já nossas

A imensidão dessa revoada de pássaros.

22. Verbo desnecessário

Meu raro evento

Conduza-me ao verbo desnecessário

Dê a voz desse corpo, imprevisível vereda.

Em mim, só deveria conjugar febre e tremor

Nada cessa.

Desdém esquivo, insustentável essa rota de fuga

Mil intenções que não decifro.

Amante irresoluto, receba a despedida anunciada

Que te ver é ser corpo celeste, ternura e profundidade

E seus recuos o meu drama íntimo.

23. Coração imoderado

Isso que me encontrou

É roteiro desconhecido

Uma branda essência que parecia esperar-me

Da qual desconhecia o ritmo, as nuances e as estrelas.

Meu mundo novo

Lições de outro entendimento

Deito em céu azul o coração imoderado

É armistício e festividade.

Entendo que seja reino distante

Fronteira que escutei em canções apaixonadas

De livros de cabeceira nunca lidos.

Do alto mar admiro seus domínios

Talvez numa interdição permanente

Bastando-me o milagre desse sonho.

24. Melodia

Na urdidura desse afeto

Pretendia reter a incerteza

E talvez encontrasse seus passos

Ainda que perdida.

Apenas senti-lo

No entanto, disparei.

Se não convém o que ofereço

Pouco importa.

Diante de sua recusa

Peço que leve minha melhor melodia.

Não hesite em tocá-la

Para que eu feche os meus olhos em segredo.

25. Ruas de esperança

Quando minha boca repete esses cânticos

São as notícias do meu coração

Para tentar que me fale

- Sim, sou como tu -

E por mais que não te escute

Os sonhos continuam nesse movimento

Porque o que carrego

São ruas ornadas de esperança.

Refugio-me nesses novos caminhos

Seguindo sozinha

A explorar linhas, curvas e encruzilhadas

Os tantos lugares a que nunca me levei.

Digo-te o que tenho

Foi reconhecer-te nessa cidadela

Que não pude arrepende-me dos meus passos

Tão necessários para chegar a ti.

26. Oásis

O tempo não corre como um inquilino tranquilo
O barulho que faz perturba-me o sono
Remói ansiedade, agita-se para trás e adiante.

Minha dúvida é constante
De que não haja membros em meu corpo
Ou forças para sustentar-me.

Busco-te
E vejo que sempre estive aqui
A peregrinar por mim mesma.

Em sua companhia, rompante e ânimo
Nutro a paciência que me falta
No meu coração necessitado de tons alegres.

Amado oásis
Aquele que transborda em meus sentidos
Esperançosa de cobrir os pés em suas águas
E lavar as mãos em suas terras.

27. Confissões de abril

Nas confissões de abril

Comecei a descobrir raízes.

Perdi os mapas do que vivi

De todos os rancores, quedas e horas

E está tudo tão estranho.

Não encontro minha água magoada

Isso não é uma catástrofe

É apenas onde principio.

Correnteza

28. Volúpia

Se quiseres pintar, sou guache
Encarnada, ígnea e densa
Numa sedução rubra e encharcada
Aversa ao branco do mármore.

A escorrer por teus dedos longos
Penetrando teus poros
Espalhando-me por teu sangue
Mulher simbiótica em teus fluidos.

A enrubescer tua face
Queimar em teu peito
Colorir o teu ventre
Ondular-me em tua virilha.

Num balanço voraz
Ígnea em teu sexo
Com minhas densas carícias
Apreciar-te ávido, ritmado e gozoso.

E eu, guache e fluido
A prolongar-me em tuas veias
Pulsar em tuas convulsões
Estremecer-me nessa devoção.

Diluída e expulsa

Repetir-me-ia sorvida

Por tuas mãos vigorosas

E todas as tuas pinturas.

Se quiseres arrebatá, sou flor

Cheiro, veludo e torpor

Porque sou raiz

Segue o rastro de meus aromas.

Encontra-me!

Deita inebriado ao meu lado

Perca as horas

Alucina em fantasia e enlaces.

Vê-me nua!

Híbrida, perfume e sereia

Mais que um adorno

Rainha e malícia.

Atreve-te!

Toca minhas folhas

Corpo e pétalas

Eximo-te de transgressão.

Conhece-me!

Sou pelos e veludo

Prazer e singeleza

A despertar-te os sentidos.

Arrebata-me!

Homem de eternidades

Que somente floresci

Para desfalecer em tuas mãos.

Se quiseres comer, sou fruta

Travosa, devassa e aquosa

Apalpa-me a substância carnuda

Invólucro de lunar semente.

Não sou para se degustar aos pedaços

Apanha-me com as tuas mãos

Sinta a leve aspereza

Cheira-me madura.

Leva-me inteira à boca

Morda o meu amarelo-manga

Tua língua nessa polpa

Doce, insolente e devassa.

Ofereço-me assim tropical

Seios, costas e sexo

Querendo o mornar dos teus lábios

Na minha essência aquosa.

Se quiseres abater, sou caça

Apelo, embriaguez e sangria

Bicho e fêmea inerte

A aguardar tua mira.

Abraçarei teu furor

Receberei a paixão nas entranhas

A respirar teus assombros

Quando vires à ânsia dos meus olhos.

E viva

Minha alma em teus dentes

Tu, finalmente libertino

A faltar-te dos meus jogos eróticos.

Abate-me!

Para embriagar-te

Meu sangue é de bacante

Orgástica vertigem.

Devora-me!

Ritual, catarse e expectativa

Prece, ordem e gozo

A canção dessa carne.

Poeta, volúpia e tua.

29. Flor solitária

Um poeta tão pobre e a pretensão obstinada
De uma paleta de cores, jardim de povoado lunar.

Esse lugar de vento ameno
Onde há terra úmida e repouso de batalhas.

Do mergulho em inverno enérgico
Quem fez surgir a flor solitária?

Cor água, já é dia de consumir
O vermelho desse cálice aveludado.

30. Despudor curvilíneo

Encontro possível

Afago de papel

Despudor curvilíneo

Dedos de hortelã

Casa d'água.

Inquieta

-Em doses-

Que eu seja promessa

-De fêmea-

Em luz e vinho.

Silêncio a língua mordaz

Se entre meus seios apelar

Que deixe o amor para a intimidade.

31. Água de rio

Entrego em tua boca

Nome suado.

Dispensio teorias

Prefiro teus dentes

A rasgar minha melancolia.

Aguardo tua língua

Qual água de rio

A carícia no pulso.

Aproxima...

Nasci outra.

32. Súplica

Molha meu corpo

Em doce chuva

Trêmula súplica

Para o bem de nós dois.

33. Corpos em graça

Se permitisses

Na tua pele habitaria com ardor

Sem qualquer distração

Desaguaria em teus braços.

Tua voz iria despir meus segredos

Ordem que obedeceria vagarosamente

E nesse ritual jamais experimentado

Deitaríamos os corpos em graça.

Confessaria minhas tantas febres

Acompanhando tuas mãos e caligrafia

A desejar aqueles desenhos em mim

Só para declamar querenças.

Se assim fosse

Ver-nos-íamos inteiros

Eu receberia teus dias na alma

E tuas noites em meus abismos.

34. Mar voluptuoso

Desliza em meu ventre

E salga minha carne

Consagra essa ausência

Em poética cerimônia.

Não há outras expedições

Mapas e bússolas

Tampouco leme

Que me navegue para longe.

Somente nesse homem

Que me delicia e capitula

Dele me revisto e me agrado

Por ele estremeço.

Vai, murmura nele minhas excitações

Lançadas ao teu elemento

Viril e enternecedor

De mar voluptuoso.

35. Do desejo

A chuva enfeitou meus apelos
Como cúmplice, atirou-se violenta pelas ruas
Banhou os amantes com céus noturnos
Conteve desilusões em caixas de concreto.

Em triunfo e improvisos
Deliciou-se no piano em sutil constância
Ritmando espumante e prazer
Acolheu pausas e as tantas solidões.

Veio como Zeus sobrejo
A inundar Danae com salacidade
Concedendo espaço para as cores da alvorada.

Nessas primeiras horas, o sol em vermelho e laranja
A penetrar-me com gozo e ardor
Vem quando recosto os pensamentos em ti.

36. Solário

Deixa-me ser o solário de tua casa
Para que aqueças tua pele enquanto alucino
E eu beba os suores do teu corpo.

Livre de toda vestimenta
Sentir teu peso em meus alicerces
Homem descansado em minha matéria.

Enfraquecer-te os senões
Tombar pudores e cautelas
Embebedar-te de prazer e instinto.

Calar o que teima e nega
Deitar o sol em teus pelos
E, ainda que breve, intensamente meu.

37. Luxúria divina

Insistes num casto altar

Santos e olhos elevados

Inalcançáveis vitrines

Flores mortas e castiçais.

Mãos postas e suplicantes

Pés terrenos e nus

Vestes de dias nublados

Distância, aço e martírio.

Não vês a luxúria divina?

Faces gozosas em êxtase

Olhos incendiados e libido.

Mãos que exalam odores de musgo

Pés que profanam ventres de barro

Num código luxurioso de sentidos.

38. Do temor

Se me vês deserto, sossega!

Esfinge ou Divina Cantora

Aceita que não há enigmas devoradores

Eis-me guardiã desses pórticos

Reconheço-te diverso dos passatempos

Que me ocuparam enquanto estava a te aguardar

E se és tu que chegas, entra!

Se me vês água, sossega!

Vênus Marinha ou Espuma de Perdição

Aceita que divindades pagãs não são castradoras

Eis-me nascida de mares

Reconheço-te diverso dos afogados

Que me distraíram enquanto estava a te sonhar

E se és tu que chegas, mergulha!

Que temor eu poderia despertar?

Apresento-me mulher e paixão, apenas.

39. Compasso anárquico

Serei a ladra dos teus receios
E quando o que me é etéreo
Se fizer amante sôfrego
Livre de resistência e repuxo
Aprisionarei teu corpo branco
No meu culto iniciático.

E será de todas as cores
Toque, pele e suor
O prazer de teus olhos
Vertendo gana e delírio
Numa melodiosa comoção
À mulher que sou.

Dançarei em tuas mãos
Para que reverbere os acordes
De meus ritmos encarnados
E detida por teu peito
Teremos embate calculado
De imposições insolentes.

Verei o homem encurralado
Abatido em guerra cobiçada
Rendido por essa festa

Com explosão e ímpeto
A implorar violentamente
Por toda a minha carne.

Atarei teu pulso com excitações
Para que sintas simultâneo
O meu peso derramado
E afogueada por tua boca
Montarei sinuosa e com vagar
Num compasso anárquico de seduzida.

É que serei a ladra dos teus receios.

40. Erótica cantilena

Tripudia corpulento em minhas costas
Fatiga-me com a valentia de um desvario
Que cicio débil em teus desalinhos.

Sem incriminar esse afeto
Agita-me com euforias
Que ficarei acuada e serena.

Refém de ardorosa plenitude
Estarei a aguardar os teus desejos
Para uma erótica cantilena.

41. A carne

Tenho carne nesses poemas

Que de tão imprudentes, estão dispostos à mesa

Culpe esse quê absoluto, tamanha impetuosidade

E, nesse processo, apenas me sacie.

42. Caos orquestrado

Pressinto teu gosto moroso

Docemente servido nos meus lençóis

Um caos orquestrado na urgência dessa pele.

Meu banquete declarado

Quero transpiração e dialeto em louça de porcelana

Não tarda a orgia das borboletas.

Confidências nos dedos e lábios

Acalma, é tudo selado em estrela marinha!

Dá-me o prazer que necessito.

43. Lua permissiva

Ontem pediste arabescos
Que ornassem minhas folhas
A percorrer-me úmida
Transfigurando-me abstrata e dissoluta.

Numa levada caprichosa
A extensão do meu prazer
A deleitar-te em labirinto
Nuca, língua e carmim.

Existirias entrelaçado
Imerso em água ígnea
A exalar obscenidades
Orgânico, tenaz e vencido.

Quero-te em mim emaranhado
Na forma temporã que me julgas
E com arabescos
Ir fazendo-me tua lua permissiva.

44. La Maja Desnuda

(Em referência à pintura de Goya)

Algumas curvas em tua claridade,

Outras em minhas sombras.

Atraio-me por teus olhos contemplativos

Nos meus, tens proposta, clamor e cio.

Pele nua repousando no teu *chaise*

Que me roçaga ondas de esmeraldas aveludadas

Sem recatos expresso o convite

De que sejas camurça entre minhas coxas.

Leva as mãos vigorosas aos meus seios

A língua morna em meus mamilos

Vadiagem de serpente marinha.

Teus dedos de infinito

Alcançam a carne macia

Superfície terrosa e múltipla.

Cobre-me inteira,

Soletro cetim e saliva para os teus ouvidos

Mulher exposta e sem rudeza.

Não prives *La Maja Desnuda* do gozo noturno,

Vem próximo, tátil e fálico.

45. Frêmitos liquefeitos

Sei que me olhas

Desfaço-me do linho e das folhas verdes

Sou terra molhada

De pele clara e poço escuro.

Pernas embebidas em insones maracujás

De sóis vespertinos e apaixonados

Dissonantes da virilha de anis

De noites mediterrâneas, sabor e aroma.

Espelho aquático e parado

Que agora toureio com minhas mãos

E entregando-me por vontade

Sou toureira de joelhos.

De púbis *chypre* e noz moscada

Oriental, quente e marcante

Notas que perdurariam na tua pele

De seiva de orquídea e fava de baunilha.

Costas e nuca serpenteadas

Suor, fogueira e nudez

De tantas ervas no ventre

Minhas armadilhas de mulher.

E se é assim que te agradas

Os seios guardam odores de tangerina

Meus caprichosos deleites

Cítricos, voláteis e joviais.

Os cabelos ciganos anseiam

Vibrantes, amendoados e sonoros

O encharque no amadeirado de teu sândalo

Nessa, que também é a tua, água de cravos.

Sei que me olhas

Meu Tenor Lírico

Soprano te murmura

Frêmitos liquefeitos em fio egípcio.

46. Quero-te homem-pássaro, quero-me nácar

Sinto-te em demasia e fugidio
Restando-me esses cantares sinuosos.
E recolhida no desejo de teu ser
Esqueci-me ser noite perene.
E porque nunca chegas,
Ameaço-me lua cheia e voraz maré.
Se me repensares teu pedaço
Esse ventre proclamará chama lânguida.
E até onde resistires como um homem-pássaro
Voo, eflúvio e solfejo
Serei nácar na literatura amante.
Mas se permaneceres rochedo imóvel
Pedra, indiferença e aridez
Miserável o meu leito aprisionado
Que terá paredes, dolência e solidão
Onde só deveria correr a liberdade das águas.

47. Correnteza passional

Tão inflamado o meu chamado
E só deitas comigo nessas fantasias.
De outra margem, ingênua e pueril
Refaço-me do amor que não festejas.

É-me farta a pouca medida que emanas
Agraciada com o amigo
Sem provar de teu querer amante
Mulher ácida, de apaixonado instante.

Vieram-me tempestade e ventos de finitude
Grandes e indiscutíveis abalos
A paisagem cismou de ensimesmar-se
Com esse ostracismo de alegria.

E como e quanto te quero
Por que vieste habitar meus anseios?
Constelação que me lançou essas juras
Escureça-se em minhas noites.

Esmaeço por ti
Se existir coloriu-se de celebração
Se em mim tu despertas correnteza
Como poderei represar-me?

São muitos braços de rio
Que vêm iluminar-me de força
Turbilhão, redemoinho e poema
Bravios em direção ao mar.

Essa correnteza passional
Respira para em ti imiscuir-se
Sem desconfiar que me negas
A promíscua serenidade dessa rima.

Destino

48. Relicário

Apropriei-me dos teus silêncios
Sonhei com um reino de vaga-lumes
Consumida por arte apaixonada.

Escolhi tua galeria de afetuosidades
A natureza branda
E a paciência de artesão visionário.

Minha virtuosa aragem
Restou-me nesses tempos de tanto desamor
Guardar a sensibilidade que lhe devoto num relicário.

Amendo, fico a bordar teus movimentos
A contemplar os teus prudentes golpes
Que mais dizem do que a maré das palavras.

49. O florista

As orquídeas planeadas e dispostas
Nas camas suspensas que te dedicas
Pareciam peitos tranquilos
Certos de tuas mãos e carinhos.

Tuas flores ignoraram minha presença
De olhos bem fechados
E sem qualquer afetação
Sufocaram minha religiosidade.

As cortinas de bromélias
Conhecendo os cultivos do teu jardim
Pediram-me que não regressasse.

E pude entendê-las
Também sem teus jarros ou realezas
Infrenes e chorosas pelo florista.

50. O Tempo e A Morte

Não ceves mais esses instantes intranquilos
Que me acompanham nessa adoração e encanto
Despojada de estranhamento e amargura
Vislumbrei o fim de mim mesma nessa jornada.

O relógio de mesa enamorou-se da vida
Os ponteiros só aguardam tuas orquídeas
Querendo capturar os tantos diamantes
Nesse meu sentir prodigioso.

Mas a morte enciuma-se do tempo
Intimida princípios com despedidas prematuras
Recalca-se quando as horas resvalam suaves.

Não te tenho, e te pertença.
Só tua exiguidade me amedronta
E os perversos ciúmes da morte.

51. A Fronteira

Veza em quando

Teu som consola

Num repente

Vem ferir-me.

Talvez a sanidade

Isenta dos delírios

A recusa de tua pele

Queria sofrê-la em leveza.

Assim, sem posses

Faço-me noite e tamanho peso

De amar onde não sou porto.

52. Folia sufocada

Hoje, a tristeza visitou-me
Tatuando tua distância na minha lucidez
Satisfeita, deu-me o beijo que fizeste cativo
Refletiu-me assim cindida, exausta e insensata.

Afagou-me os cabelos desconsolados
Com as possibilidades de teus outros amores
Dos quais não te escusas
Tão diversos dos meus eclipses.

E minha folia sufocada
Mascarou-se de rio Estige
Barqueiro, travessia e pena.

Entoei ritual e batismo
E só escutando meu eco
Vagueei num pálido rabisco.

53. Canção indesejada

Nesse cargueiro

Tantas fragilidades

Irresignadas dependências

Luas de limitações.

Minha linhagem com todo amor

Permite algum descanso

No tempo que sonho.

54. Centelha divina

Vejo-me assim, em companhia de versos e precisada de ti

O outro, que para mim, não se fará pele

Aquele ausente de minha carne plural

E homem pulsátil em meu peito, espírito e entendimento.

É minha essa poesia

A oferecer olhares maternos ao sofrimento inevitável

De um sentimento circundado em si mesmo

E que só nasceu para ser teu.

É meu esse amor

Que resignado, segue o caminho pintando flores

E já que sabedor de uma centelha divina

Não falta à missão de colorir estradas.

55. Tempo de reconciliação

Contemplei o florescer das cerejeiras

Beleza de ser flor, terra e cultivo

A guerra natural, movimento instintivo e pungente

De agraciar poetas com inclinações sublimes.

Prolonguei-me em invernos, moldei lápides para qualquer alento

Fui morte diária em rasgo e paralisia

Orfandade de conceber-me fluida

A exibir o peito de tigre, dor e enchente.

O que teus olhos tocaram

Só descobri serem meus com tua chegada

Desse encontro fez-se esperança

Possibilidade de caminhos, voos e mergulhos.

Acato a realidade que nos aparta

E diante da grandeza de ter-me encontrado

Honro aquilo que revelo e oculto

Entrego minha alma ao tempo de reconciliação.

56. As flores do campo choram...

A minha barca de amor
Chora como as flores do campo
Altivas na arte de brotar sem licença
Voluntariosas como curvas mimadas.

O outono não tarda a desbotar
Toda a suavidade das suas pétalas
O tempo impiedoso
A jogá-las ao vento.

Assim está o meu leito
Sem a tua vinda desejada
Negado por tua carne
Numa lamentosa esterilidade.

Na nuvem desse querer
A suplicar por teus braços
A aguardar o teu aceite
Perdi-me nos teus olhos.

Como raio de luz
Ansiei envolver tua pele
Para segredar a mística das estações
E os meus ritmos de mulher.

Quis povoar a memória de teu corpo
Desenhada em tua lascívia
Numa revolução silenciosa
De rio correndo para o mar.

Reinventei minha lírica
Voei em versos
Reuni novas canções
De paladino sem armaduras.

Amar-te é tempo de delicadeza
Qual soberana de horizontes
Bailarina de estrelas
E serva de teus risos.

Transmutei-me em leveza
Doce voz de chuva na janela
Dança de garça no açude
Cantoria de pássaro azul.

Escutando melodias de outono
As flores do campo choram
A sofrer por teus recuos
Disso não posso escapar.

Destino, habita-me a primavera

E tanto e tudo de meus intensos tons.

Sobre a poeta ...



Tatiana Moraes nasceu em Assu, interior do Rio Grande do Norte. Poeta, Advogada, Mestre em Artes Cênicas (UFRN), e estudante de Psicologia (UNI-RN). Publicou os livros de poesias “Os Círculos do Inverno” (Ed. Sebo Vermelho, 2009) e “Luto Doce” (Ed. Sarau das Letras, 2013).

Ficha Técnica

Capa/Diagramação/projeto gráfico: Fernanda Portieri

Revisão: José de Castro

Editora Sarau das Letras

M827v Moraes, Tatiana

Volúpia. / Tatiana Moraes. Mossoró-RN: Sarau das Letras

Edistora, 2015.

85 p.

1. Literatura brasileira - Poesia. 2. Literatura potiguar -

Poesia. I. Moraes, Tatiana. II. Título.

CDD: B869.1